

# O *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor*, de Francisco de Moraes

Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Department of Spanish and Portuguese  
University College Dublin  
aurelio.vargas@ucd.ie<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho tratamos de editar, pela primeira vez, de uma maneira crítica o *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor*, de Francisco de Moraes, mais conhecido por ter sido o autor do *Palmeirim de Inglaterra*. Neste opúsculo, que forma parte de um grupo de três diálogos que foram publicados de maneira póstuma na imprensa eborense de Manoel Carvalho em 1624, Moraes trata o tema tão debatido na sua época das armas e das letras, mas sem chegar a dar uma solução final sobre a preferência de umas sobre as outras.

**Palabras chave:** Francisco de Moraes, *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor*, diálogo português, edição crítica.

[Recibido, febrero 2012; aprobado, julio 2012]

*Dialogue between a knight and a doctor*, by Francisco de Moraes

## ABSTRACT

This work is the first critical edition of the *Dialogue between a knight and a doctor*, by Francisco de Moraes, more known as the *Palmeirim de Inglaterra*'s author. This small text is part of group of three dialogues which were published posthumously in the Manoel Carvalho's press, in 1624. Here Moraes treats the topic as discussed at the time of arms and letters o tema tão debatido na sua época das armas e das letras, but without coming to give a final solution on the preference of one over the other.

**Keywords:** Francisco de Moraes, *Dialogue between a knight and a doctor*, Portuguese dialogue, critical edition.

---

<sup>1</sup> Artigo inserido no marco do Projeto de Investigação MICINN/MINECO FFI2009-08070. Aí é possível encontrar vários trabalhos nossos sobre cada um dos diálogos de Moraes, onde se inserem por um lado, fichas bibliográficas, e pelo outro, fac-símiles dos manuscritos e impressos: (Vargas 2010a, 2010b).

Francisco de Moraes ocupa um lugar de destaque na história da literatura portuguesa, graças ao livro de cavalarias intitulado *Palmeirim de Inglaterra*, publicado pela primeira vez no início da década de 1540. Mas esta não foi a sua única produção literária. Embora não se possa considerar da mesma qualidade do que o texto cavaleiresco, o espírito inquieto de Moraes também contribuiu na configuração e consolidação de outros gêneros narrativos emergentes, nos meados do século XVI. Entre eles, sobressai um conjunto de três diálogos, onde aproveita para criticar a sociedade do seu tempo por meio do confronto entre distintos representantes sociais, considerados antagônicos: um fidalgo e um escudeiro, um cavaleiro e um doutor, e, por último, uma regateira e um moço de estrebaria.

O centro da nossa atenção ao longo das próximas páginas vai ser para o segundo deles, o *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor*, cujo conteúdo mostra uma luta dialética entre os representantes destes dois grupos sociais. A sua temática gira em torno das armas e das letras, um tópico presente já no mundo clássico, que teve grande vigência na época renascentista. Livros humanistas como o *Cortesão*, de Baltasar de Castiglione, difundiram a ideia de que o guerreiro só conseguia a perfeição através do culto das letras, e estas, unidas à inteligência, lhe podiam fornecer a imortalidade. Além disso, agora começava a surgir a tendência de crer que a nobreza não só era acessível a quem tivesse um amplo patrimônio, senão a quem, mediante um esforço intelectual, se convertesse em filho de suas obras, tal e como diz dom Quixote no famoso *Discurso de las armas y las letras*, no capítulo 38 da primeira parte da genial obra cervantina, onde se concede prioridade às armas, porque o protagonista da obra, não o esqueçamos, é um cavaleiro andante.

No diálogo que agora nos ocupa, vemos aparecer, por um lado, um doutor, que coloca já desde o início a questão principal do texto, isto é, quem resulta mais valioso ao Estado, se um letrado se um militar, “a fidalguia ociosa exercitada em vaidades, ou aqueles que por sua discrição e letras sustentam o reino em tranquilidade e paz, e ministram justiça igualmente (...)”. Para reforçar a sua argumentação, o doutor não duvida em decorá-lo eruditamente com multidão de alusões a personagens da Antiguidade Clássica, tais como Sólon, Temístocles, Catão ou Cipião, tudo para tratar de pôr em manifesto a sua superioridade tanto dialéctica quanto cultural. Não obstante, à medida que decorre o diálogo, o seu altivo comportamento do princípio ir-se-á atenuando aos poucos, até ao ponto de pedir desculpas ao seu interlocutor, a quem lhe reconhece uma oratória de grande qualidade: “Se quando aqui entrastes vos tratei com menos cortezia do que essa oratória merece, perdoai-me, que não cuidei que éreis mais que fidalgo ou cavaleiro”.

No lado oposto, achamos o pensamento do cavaleiro, a personagem anónima que defende a vida ativa e o mundo de ação, e que não se assusta perante o seu interlocutor, e que pelo contrário, desmonta o seu discurso com paciência e fazendo uso de suas próprias armas, de tal maneira que, se o doutor cita a autores antigos, o cavaleiro não fica atrás e menciona outros tantos tão emblemáticos como César, Homero, Plutarco ou Tito Lívio, chegando a oferecer vários dados concretos sobre alguns deles, com o fim de demonstrar que os conhecia, não de ouvido, senão de

ter lido a suas histórias. Além disso, o cavaleiro adorna o seu discurso com provérbios e alusões a cantigas de origem popular. Entre os primeiros, figura, por exemplo, *quem não comete, não vence*, enquanto que, das segundas, sobressai o primeiro verso da conhecida letra *Enganado andais, Fernando*, que teve uma ampla difusão desde as primeiras décadas do século XVI. Por outro lado, o cavaleiro, cuja retórica está à altura do doutor, embora reconheça modestamente o contrário (“bem sei que por razões ei sempre de ir debaxo”), trata de ridicularizar seu adversário, tildando-o de medroso e reptando-lhe a sair à luta em campo raso contra os mouros,

“que nunca vos vistes com cem bombardas grossas assestadas nesses peitos e as faces amarelas como cera, e chamar pela Virgem Maria e não achar quem vos acuda e ter a salvação no fugir, desemparrar-vos a vista de todos, ouvir gritar que racha os céos, e achais os pés peados e travados”.

Por esta e outras atitudes dos doutores, o cavaleiro considera-os seres prejudiciais para a sociedade que tanto dizem defender:

“duas calidades de homens acho que matam mais homens que quantas guerras civis se podem levantar: Doutores e Físicos, cada hum por sua via. Qualquer género destes hé mais perigozo na paz que os inimigos na guerra, porque dos huns defendeis-vos e aos outros entregais-vos, e então, aonde cuidais que achais remédio pera a vida, achais a condenação dela”.

No que diz à sua datação, a professora Ana Sofia Laranjinha situou recentemente esta obra entre 1525 e 1535 (Laranjinha)<sup>2</sup>. A primeira data, *terminus a quo*, tem a ver com a referência ao cerco de Mazagão pelo rei de Fez, enquanto que a segunda, *terminus ad quem*, guarda relação com a conquista de Tunes, em que Carlos V alude aos feitos do conde de Redondo, também presentes no nosso texto. Este arco cronológico situaria a sua composição antes de Francisco de Moraes escrever a sua obra-mestra, o *Palmeirim de Inglaterra*, que se crê ter sido redigido nos primeiros anos de 1540.

A nossa opinião, contudo, varia, não com respeito a esta última afirmação, mas sim aos dois termos que a autora estabeleceu para situar este diálogo. Em nosso entender, a alusão a Mazagão aparece em condicional e não tem que se referir a um feito histórico concreto. De igual modo, a referência à heroicidade de João Coutinho, conde de Redondo, por parte do imperador, é tão vaga que também não nos ajuda a determinar uma data. Apesar disso, nós inclinamo-nos a crer que o texto se compôs antes de 1539, ano da morte de Mulei Abrahé, do qual se fala como se fosse ainda vivo e que, a nosso ver, é a única alusão histórica que podemos tomar como ponto de referência.

O *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor* foi publicado pela primeira vez em 1624, na imprensa eborenses de Manoel Carvalho, num pequeno volume in 8º que

---

<sup>2</sup> Agradecemos a Autora a sua gentileza de nos ter enviado o seu trabalho ainda no prelo.

também incluía mais dois diálogos de Francisco de Moraes, uma *Desculpa de uns amores que tinha em Paris com huma dama francesa da rainha dona Leonor, por nome Torsi*, e, por último, uma *Carta de D. Inácio de Noronha a D. João III a respeito da renúncia do título de conde em D. Francisco de Noronha*<sup>3</sup>.

O impressor dedicou esta edição ao executor-mor do reino, Gaspar de Faria Severim, grande valedor dos autores nascidos em terras portuguesas e impulsionador de publicações de textos esquecidos, alguns dos quais tomou da rica biblioteca do seu tio, o bibliófilo Manuel Severim de Faria, que acabaria por herdar após sua morte. Todos os textos aqui reunidos passaram pelas inevitáveis mãos da censura eclesiástica, que outorgou as licenças pertinentes para a sua impressão, mas não sem antes realizar um conjunto de emendas que modificaram notavelmente o texto original do autor. Mais adiante, esta versão emendada serviu de base para as posteriores edições de 1786 (Tadeo Ferreira), 1852 (Tipografia d'Andrade) e 1946 (Cintra ed.), as quais, além de introduzir pequenas variantes de carácter exclusivamente gráfico, não tiveram em conta a sua tradição manuscrita. A novidade do presente estudo está, assim, em oferecer uma edição crítica do *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor* a partir dos dois manuscritos que conservaram esta obra<sup>4</sup>: por um lado, o manuscrito 3563 da Biblioteca Nacional de Lisboa (L1), uma coletânea de obras copiadas pelo punho e letra de Gil Nunes de Leão, na que se incluem dois diálogos de Francisco de Moraes, o presente e o *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*; e, por outro, o códice da Coleção Pombalina 147 (L2), também da mesma instituição, que se trata de um volume miscelâneo que reúne as mesmas obras que a edição eborense de 1624 (*Evo*). Esta transmissão conjunta, unida à comparação entre todos os testemunhos manuscritos e impresso, leva-nos a pensar que o códice pombalino, ou ainda melhor, um do mesmo ramo, pôde ser tomado como ponto de partida à hora de fazer a edição de 1624. Assim o declaram, ao menos, as divergências voluntárias e involuntárias que se podem ver a seguir:

## I. Divergências involuntárias

Em L1 documentam-se alguns erros por adição de letras, embora a sua casuística não seja muito elevada:

---

<sup>3</sup> Este trabalho é o segundo de uma série de três que procura editar de uma maneira crítica todos os diálogos de Francisco de Moraes. O diálogo primeiro vai ser publicado no volumen 22 da revista eletrônica *eHumanista. Journal of Iberian Studies*, enquanto que o diálogo terceiro.

<sup>4</sup> Na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, conserva-se um outro manuscrito (PDVV BDM II, LXII, fls. 13-18) que não é mais do que um original de imprensa utilizado para a edição em três volumes do *Palmeirim de Inglaterra* de 1786.

## I.1. Por adição (de letras ou sílabas)

a. carecem *LI*: carece

L2: 298v Evo: 19r	L1: 1v
e <i>carecem</i> do intendmento de nossa lingoagem	e <i>carece</i> do entendim <sup>to</sup> da nossa Lingoagem

b. Quero-vos *LI*: quero

L2: 298v Evo: 20r	L1: 2r
Quero- <i>vos</i> dizer	Quero dizer

## I.2. Por substituição (de letras ou sílabas)

Às vezes, também se acham erros por substituição de uma letra ou de uma sílaba, especialmente em *LI*.

a. elas *LI*: elles

L2: 298r Evo: 17v	L1: 1r
Mas anda a cousa de sorte que por <i>elas</i> lhe entregão o mando	Mas anda a cousa de sorte q por <i>elles</i> lhe êtregão o mando

b. isso *LI*: isto

L2: 298r Evo: 17v	L1: 1r
Parece-me <i>isso</i>	Parece-me <i>isto</i>

c. nisso *LI*: nisto

L2: 298v Evo: 20r	L1: 1v
Até <i>nisso</i> me confessais	Até <i>nisto</i> me confessais

d. disto *LI*: disso

L2: 299v Evo: 25r	L1: 3v
em reposta <i>disto</i> tudo	em reposta <i>disso</i> tudo

e. esta/ a *L1*: essa

L2: 299v	L1: 3v Evo: 25v
que <i>esta</i> era a sua própria língoa	q <i>essa</i> era sua própria língoa

### I.3. Erros de leitura ou de interpretação paleográfica

Embora não seja muito frequente, também documentámos alguns erros de leitura ou de interpretação paleográfica, tais como os seguintes:

a. perecer *Evo*: padecer

L1: 1r L2: 298r	Evo: 18r Ed. 1852: p. 22
não de[i]xão <i>perecer</i> os pequenos	não deixão <i>padecer</i> os pequenos

b. virtuosa *Evo*: venturosa

L1: 2r L2: 298v	Evo: 20r
que a causa <i>virtuosa</i>	que a causa <i>venturosa</i>

c. preço *L1*: pezo

L2: 299r Evo: 21v	L1: 2v
quamanho hé o <i>preço</i> de hum letrado virtuoso	quamanho hé o <i>pezo</i> de huñ letrado virtuoso

## II. Divergências voluntárias

### II.1. Variantes lexicais

Entre o manuscrito *L1*, por um lado, e o códice *L2* e o impresso *Evo*, pelo outro, existem numerosas variantes de carácter léxico que afectam a qualquer classe de palavra: adjetivos, pronomes, preposições, mas, acima de tudo substantivos, formas verbais e mudanças de sintagma. Dado o elevado número de casos, tal como aconteceu no *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, esta circunstância induz-nos a pensar numa possível dupla redacção da obra.

Em ocasiões, ao tratar-se de gralhas claras ou de variantes que dificultavam a compreensão do texto, preferimos tomar a lição de *L1*. Nos poucos casos em que *Evo* se distancia de *L2*, é possível interpretá-lo como correções realizadas por parte dos impressores para melhorar a compreensão do texto (como no exemplo *c* dos substantivos ou no *a* das preposições).

## 1) Substantivos

a. uso *L1*: jugo

L2: 298r Evo: 18r	L1: 1r
ao <i>uso</i> de q razão	ao <i>jugo</i> da razão

b. derramamento *L1*: derramar

L2: 298v Evo: 19v	L1: 1v
sem <i>derramamento</i> de sangue	sem <i>derramar</i> sangue

c. o Mulei Abrahé *L1*: os mouros *Evo*: o Mulei Abrahe

L2: 298v	L1: 1v	Evo: 19v 1852: p. 23
e se o assim não fizessem já o <i>Mulei Abrahé</i> viera jantar com eles	e se o assj não fizessem jaa os <i>mouros</i> vierão jantar com eles	e se o assim não fizessem já o <i>Muley Abraão</i> ahi viera jantar com eles

d. passagem *L2* *Evo*: batalha

L1: 2r	L2: 298v Evo: 21r
fizerão o perigo certo e a <i>passagem</i> duvidosa	fizerão o perigo certo e a <i>batalha</i> duvidosa

e. valentia e esforço *L1*: uitoria e fortaleza

L2: 299v Evo: 24v	L1: 3v
por cuja <i>valentia e esforço</i> se someteo	por cuja <i>uitoria e fortaleza</i> se someteo

f. Amiclas *L1*: Amides *Evo*: Amidas

L2: 299v	L1: 4r	Evo: 25v
nem entrara com <i>Amiclas</i> na barca	nem entrara com <i>Amides</i> na barca	nem entrara com <i>Amidas</i> na barca

g. capitão *L2*: capilhar *Evo*: capilar

L1: 4r	L2: 300r	Evo: 26v
Guarde-vos Deos de ver <i>capitão</i> no campo	Guarde-vos Deos de ver <i>capilhar</i> no campo	Guarde-vos Deos de ver <i>capilar</i> no campo

h. a ponta *L1*: o ferro

L2: 300r Evo: 26v	L1: 4r
junta-lhe o conto com <i>a ponta</i>	ajūtarlhe o conto com <i>o ferro</i>

## 2) Adjetivos

a. acelerado *L1*: ascreado

L2: 298v Evo: 21v	L1: 2v
teve o fim <i>acelerado</i>	teve o fim <i>ascreado</i>

b. ilustres *L1*: ilustrissimos

L2: 299v Evo: 24v	L1: 3v
barões <i>ilustres</i>	barões <i>ilustrissimos</i>

c. memoráveis *L2*: memoriaes

L1: 4r	L2: 300r Evo: 26r
fizerão feitos <i>memoráveis</i>	fizerão feitos <i>memoriaes</i>

## 3) Verbos

a. cubra *Ed. 1852*: cubrase

L1: 1r L2: 298r Evo: 17v	Ed. 1852: p. 21
Senhor, <i>cubra</i> , que eu estou bem	Senhor <i>cubra-se</i> , que eu estou bem

b. e absolveis *L1*: por absolver

L2: 298r Evo: 18v	L1: 1v
quantas e quantas vezes condenais os inocentes <i>e absolveis</i> os culpados	quantas e quantas vezes condenais os inocentes <i>por absolver</i> os culpados

c. viera *L1*: vierão

L2: 298r Evo: 19v	L1: 1v
<i>viera</i> jantar com eles	<i>vierão</i> jantar com eles

d. desviados *L1*: desguiados

L2: 298v Evo: 20r	L1: 2r
os ânimos <i>desviados</i> de <i>sis</i> mesmos	os ânimos <i>desguiados</i> de <i>sy</i> mesmos

e. pudera *L1*: poderão

L2: 298v Evo: 20v	L1: 2r
que se todos forão letrados <i>pudera</i> desbaratar cem mil	q se todos forão letrados <i>poderão</i> desbaratar cem mil

f. achais *L1*: buscais

L2: 299r Evo: 21r	L1: 2r
aonde cuidais que <i>achais</i> remédio	aonde <i>buscais</i> que achais remédio

g. supõe *L1*: propoem

L2: 299r Evo: 23r	L1: 3r
antes que se veja nele <i>supõe</i> que há-de passá-lo	ãtes que se veja nelle <i>propoem</i> que hade passalo

h. nasce-lhes/ considerarem *L2* Evo: nace-lhe/ considerar

L1: 3r	L2: 299r Evo: 23r
quem se isto não acha <i>nasce-lhes</i> de não <i>concidere</i> as cousas	quem se isto não acha <i>nasce-lhe</i> de não <i>concidere</i> as cousas

i. ouvesse *L1*: ouue

L2: 299v Evo: 23v	L1: 3r
se naquele tempo <i>ouvesse</i> razão alguma	se naquelle tẽpo <i>ouue</i> razão algũa

j. nunca julgou *L1*: não julga

L2: 299v Evo: 23v	L1: 3r
o cego <i>nunca julgou</i> bem de cores	o cego <i>não julga</i> bem de cores

k. executavão *L1*: exercitauão

L2: 299v Evo: 24r	L1: 3r
<i>executavão</i> com as armas o que as letras determinavão	<i>exercitauão</i> com as armas o q as letras detreminauão

l. acha *L1*: sabe

L2: 299v Evo: 24v	L1: 3v
não <i>acha</i> nenhuma escusa	não <i>sabe</i> nenhuma escusa

m. achais *L1*: não achareis

L2: 300r Evo: 26r	L1: 4r
que vós <i>achais</i> em Homero	que vós <i>não achareis</i> em Homero

n. junta-lhe *L1*: ajūtarlhe

L2: 300r Evo: 26v	L1: 4r
<i>junta-lhe</i> o conto com a ponta	<i>ajūtarlhe</i> o conto com o ferro

#### 4) Pronomes

a. alguém/ dizeis-lhe *L1*: algum/ dizeis

L2: 298r Evo: 19r	L1: 1v
se se vos queixa <i>alguém, dizeis-lhe</i>	se se vos queixa <i>algum, dizeis</i>

#### 5) Preposições

a. em *Evo*: com

L1: 1r L2: 298r	Evo: 18r Ed. 1852: p. 22
a fidalguia ociosa exercitada <i>em</i> vaidades	a fidalguia ociosa exercitada <i>com</i> vaidades

b. ainda *LI*: posto

L2: 298r Evo: 21v	L1: 2v
<i>ainda</i> que de menos fama	<i>posto</i> que de menos fama

### 6) Mudanças de sintagma

a. todo o povo *LI*: vós outros

L2: 299r Evo: 21v	L1: 2v
o Doutor que governa peleja por <i>todo o povo</i>	o Doutor q governa peleja por vós <i>outros</i>

b. costume da peleja, que o exercício *LI*: exercicio de pelejar, que o costume

L2: 299r Evo: 23v	L1: 2v
a outra o <i>costume da peleja, que o exercicio</i> fas perder o medo	a outra <i>exercicio de pelejar, que o costume</i> fas perder o medo

c. primeiro *LI*: âtes

L2: 299v Evo: 24r	L1: 3v
<i>primeiro</i> de exercitar as armas	<i>âtes</i> de exercitar as armas

## II.2. Alterações sintáticas

Com respeito às alterações de carácter sintático, a sua casuística volta a pôr em relação, por um lado, a *L2* e *Evo*, e pelo outro, a *LI*, se bem é verdade que no exemplo *b*, *Evo* se aproxima de *LI*, um caso isolado que por si só não justifica que ambos possam pertencer ao mesmo ramo textual. Poderia interpretar-se como uma correção do impressor.

a. doutor, que cousa hé *LI*: q cousa he doutor

L2: 298r	L1: 1r
<i>doutor, que cousa hé</i>	<i>q cousa he doutor</i>

b. acha-o *LI* *Evo*: o acha

L2: 298r	L1: 1r Evo: 23r
<i>acha-o</i> tão apercebido	<i>o acha</i> tão apercebido

## II.3. Reescrita de segmentos textuais

Como em casos anteriores, a reescrita de alguns segmentos de texto aproxima-se de novo *L2* de *Evo*, ao mesmo tempo que *L1* se distancia deles, apresentando lições diferentes.

a.

L2: 298v Evo: 21r	L1: 2r
Duas calidades <i>de homens acho</i>	Duas calidades <i>dome a dio</i>

## II.4. Omissões

Às vezes, *L1*, *L2* e *Evo* omitem alguns segmentos textuais, como, por exemplo:

a.

L1: 1v	L2: 298v Evo: 19v 1852: p. 23
trazem <i>os corpos</i> assinados das armas	trazem assinados das armas

b.

L1: 2v	L2: 299r Evo: 22v
Código, Digesto, nem outros <i>textos</i> escusados	Código, Digesto, nem outros escusados

c.

L1: 2v	L2: 299r Evo: 22v
meu tempo <i>gastado</i> em vos responder	meu tempo em vos responder

d.

L2: 299v	L1: 3r Evo: 24r
meios para <i>poder</i> alcançar a vitória	meios para alcançar vitória

e.

L2: 299v	L1: 3v Evo: 24v
dais no <i>vosso</i> mesmo escudo	dais no mesmo escudo

f.

L1: 3v	L2: 299v Evo: 25r
Camilo e Marcelo <i>e outros</i> q fizeram feitos grandes	Camilo e Marcelo que fizeram feitos grandes

g.

L1: 4r	L2: 300r Evo: 26r
Enfim, <i>sabei</i> que tão contrárias são as armas	Enfim, que tão contrárias são as armas

h.

L1: 4r	L2: 300r Evo: 26v
<i>fugareiro antre as pernas, com prego lançado nele para que gaste a humidade dele, digo do carvão, não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão debaixo da barba e trinta arraténs de cara, pucas de linho por dentro</i>	dentro

i.

L2: 300r Evo: 26v	L1: 4r
com fains <i>mais agudos e reluzentes</i>	com faim mais reluzente

### III. Conclusões

De acordo com os dados expostos mais acima, é possível estabelecer as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, como já acontecera com o *Diálogo entre um fidalgo e um escudeiro*, tanto *L2* quanto *Evo* descendem de um mesmo ramo textual. Assim isto aparece refletido na constante coincidência de divergências de carácter voluntário, nomeadamente, aquelas relacionadas com o léxico, o que induz a crer que *L2*, ou um manuscrito da sua mesma família, poderá ter sido utilizado por *Evo* para a sua edição impressa. Em favor desta teoria, temos de acrescentar o fato de *L2* aparecer numa miscelânea manuscrita juntamente com o resto das obras que também se editaram em *Evo* e que têm grandes semelhanças textuais. Em segundo lugar, pode-se determinar que as poucas lições de *Evo* que diferem, tanto de *L1* quanto de *L2*, podem interpretar-se como modificações levadas a cabo pelo próprio impressor. Em terceiro lugar, é possível afirmar que *L1*, que apresenta variantes distintas a *L2* e *Evo*, provém de um outro ramo textual. Nesta ocasião, são tão reduzidas e tão pouco significativas as variantes que não nos atrevemos a afirmar se houve ou não uma dupla redação do texto, e sim uma intenção de melhorar estilisticamente o texto, seja pelo autor, seja por outra mão posterior.

## Critérios de edição

Os critérios aqui utilizados são conservadores. Ainda assim, estabelecemos algumas modificações: em relação às grafias, mantém-se o uso de *v* e *b*, segundo as leituras que se documentam no texto. As vogais nasais desenvolvem-se mediante uma consoante nasal (*maõs* > *mãos*, *huã* > *huma*, *nenhũ* > *nenhum*, *põbo* > *pombo*, *quãõ/ quão*, *latim*, *homēs* > *homens*) e atualizam-se as terminações verbais (*chamarão* > *chamaram*). Usa-se a grafia *u*, *i* para o valor vocálico, também no caso de contextos semivocálicos, onde costuma aparecer a grafia *y* ou *j* (*rey/ rei*, *pay/ pai*, *reyno/ reino*), frente a *v*, *j* para o consonântico (*iubilado* > *jubilado*, *palauras* > *palavras*, *absolueis* > *absolveis*). Sobre o consonantismo, respeita-se o do texto base, embora se efetuem algumas intervenções como as seguintes: 1- Reduzem-se os grupos cultos *ph* (>*f*), *th* (>*t*) e *ch* (>*c*): *Christãos* > *cristãos*, *triumphante* > *triumfante*, *Philosopho* > *Filosofo*, *Phisicos* > *Fisicos*, *Themistocles* > *Temístocles*, *Athenienses* > *Atenienses*. 2- Para a pré-palatal fricativa surda (/ʃ/), contamos com as seguintes grafias: *ch-* (*chame*, *chegar*), *-s* (*pois*, *estais*, *feitos*), *-x-* (*Alexandre*, *enxerga*). 3- A pré-palatal fricativa sonora apresenta as seguintes grafias: *j-* (*Já*, *vejo*), *g-* (*longe*, *gente*). 4- Como fricativa dorso-alveolar surda (/s/), aparecem as grafias seguintes: *s-* (*someteo*), *-ss-* (*vossos*, *isso*), *-ç-* (*preço*, *tenção*, *toutiço*, *graças*, *çapato*), *c-* (*certo*, *necessidade*). 5- Como fricativa dorso-alveolar sonora (/z/), temos as grafias: *-z-* (*razões*, *cortezia*), *-s-* (*quiser*, *veses*). De qualquer maneira, mantém-se a alternância que aparece no texto base da repartição entre as sibilantes. 6- A palatal nasal sonora (/ɲ/) representa-se mediante a grafia *nh* (*senhor*, *nenhum*, *unhas*, *castanhas*). 7- A palatal lateral sonora (/ʎ/) aparece representada por meio da grafia *lh* (*orelha*, *batalha*, *velhice*). 8- Em certas ocasiões, substituímos a vibrante simples pela múltipla por não considerá-las como mostras de variação fonética. 9- As consoantes geminadas simplificam-se: *ll* > *l*, *mm* > *m*, *cc* > *c*, *pp* > *p*, *ff* > *f* (*pellejão* > *peleção*, *cauallo/ cavalo*, *illustres* > *ilustres*; *immortaes* > *imortaes*; *peccador* > *pecador*, *supposto* > *suposto*, *Phelippe* > *Felipe*; *deffendem* > *defendem*). 10- O grupo *ch* com valor palatal na palavra *Machabeo* atualiza-se com o grupo *c*. 11- Epêntese de *e* na palavra *Scipião* > *Escipião*.

Sobre a união e separação de palavras, seguimos os usos do português atual. Usamos o apóstrofo naqueles casos de vogais elididas (*dantemão/ d'antemão*). Para diferenciarmos entre maiúsculas e minúsculas, tivemos em consideração os critérios atuais do português. Acentua-se seguindo as normas vigentes do português actual. Atualizou-se a pontuação segundo as normas vigentes do português. Desenvolvemos todas as abreviaturas que aparecem no texto: *m<sup>to</sup>*. (muito), *Srõ* (Senhor), *q* (que), *p<sup>a</sup>*. (para), *Mg<sup>de</sup>* (Magistade), *m<sup>a</sup>* (maneira), *pr<sup>o</sup>* (primeiro), *Ds* (Deus), *mericim<sup>tos</sup>* (merecimentos), *derradr<sup>o</sup>* (derradeiro), *escudr<sup>o</sup>* (escudeiro), *derramam<sup>to</sup>* (derramamento). Outros signos: empregamos os parênteses quadrados ([ ]) para assinalar as emendas que fizemos no texto, e os parênteses oblíquos (< >) para assinalar elementos que não formam parte do texto. Utilizamos a letra cursiva para as citações em outras línguas, tal qual figuram no texto e para os títulos de livros ou citações de poemas ou anexins.

Com a intenção de conservar quanto for possível os valores fonéticos do original, tomamos a decisão de manter os polimorfismos e a alternância entre vogais *e/i*, *o/u*. Conservaram-se, igualmente, as variantes produzidas pelos fenómenos de: assimilação (*custume*, *princepes*); e a alternância na grafia da desinência da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples (*someteo*). Por outro lado, decidimos não incluir nas notas de rodapé as muitas variantes vocálicas e consonânticas existentes entre *L2*, *L1* e *Evo* (exemplos: *Fis/ fiz*, *Dis/ diz*, *Hé/ e*, *Aver/ haver*, *Assi/ assim*, *Hum/ um*, *Té/ ate*). O texto português completou-se com uma série de notas explicativas, a maioria delas sobre as personagens históricas citadas no mesmo, para que o leitor possa situar-se de uma maneira imediata no contexto da obra de Moraes.

Como dissemos anteriormente, o texto utilizado como base para esta nova edição do *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor* é o manuscrito da Coleção Pombalina, cód. 147 (*L2*). Só quando existem gralhas claras ou problemas de compreensão textual, acudimos às lições ora do manuscrito 3563 da Biblioteca Nacional de Lisboa (*L1*), ora à edição impressa em 1624 (*Evo*).

Por último, com o fim de facilitar uma maior compreensão do texto, incluímos um pequeno dicionário de termos menos conhecidos.

**Diálogo Segundo****Interlocutores: Cavaleiro e Doutor<sup>5</sup>**

**Cavaleiro:** Beijo as mãos a V. M.

**Doutor:** As suas. Que manda, senhor?

**Cavaleiro:** Sente-se, V. M., que eu venho mais devagar.

**Doutor:** Veja o<sup>6</sup> que quer, senhor, que eu estou um pouco ocupado.

**Cavaleiro:** Ora, senhor, sente-se por ma fazer, e ouça-me, que não quero mais de duas palavras.

**Doutor:** Senhor<sup>7</sup>, cubra<sup>8</sup>, que eu estou bem. Assi em pé lhe ouvirei o que mandar, e ir-se-há logo.

**Cavaleiro:** De maneira que quereis que fale em pé?

**Doutor:** Senhor, si.

**Cavaleiro:** Nisto se enxerga que não há hi<sup>9</sup> leis que ensinem cortezias e bem<sup>10</sup> fora que ouvera alguma que mandara que hum doutor, depois de vinte anos de sena, trilhara o paço três ou quatro para saber o uso delas. Mas anda a cousa de sorte que por elas<sup>11</sup> lhe entregam o mando e encarnam-se de maneira que quando se vê[e]m mudados não conhecem rei nem roque.

**Doutor:** Parece-me isso<sup>12</sup> mais modo de briga que de negócio.

**Cavaleiro<sup>13</sup>:** Hora agora vos assentai e dir-vos-hei<sup>14</sup>, doutor<sup>15</sup>, que cousa hé<sup>16</sup> ministro da justiça, que cuido<sup>17</sup> que o não sabeis.

**Doutor<sup>18</sup>:** Moço, dá quá huma cadeira. Dizei-me, senhor, quem vos parece que tem mais merecimentos<sup>19</sup> ante a Magestade Real? A fidalguia ociosa exercitada em<sup>20</sup> vaidades, ou aqueles que por sua discrição e letras sustentam o reino em tranquilidade e paz, e<sup>21</sup> ministram justiça igualmente, não dexam perecer<sup>22</sup> os pequenos, sometem os grandes ao uso<sup>23</sup> da<sup>24</sup> razão, castigam os

<sup>5</sup> Diálogo segundo. Interlocutores: Cavaleiro e Doutor *LI*: Colloquio de hũ caual cõ hũ doutor em q disputão sobre quais tem mais merecim<sup>10</sup>, se as armas, se as letras

<sup>6</sup> o *LI*: om.

<sup>7</sup> Senhor *LI* *Evo*: om.

<sup>8</sup> cubra *Ed. 1852*: cubrase

<sup>9</sup> hi *L2*: om.

<sup>10</sup> bem *LI*: boom

<sup>11</sup> elas *LI*: elles

<sup>12</sup> isso *LI*: isto

<sup>13</sup> Cavaleiro: *L1 L2 Evo*: om.

<sup>14</sup> dir-vos-hei *Evo*: dir-vos-hei, doutor.

<sup>15</sup> doutor *Evo*: om.

<sup>16</sup> doutor, que cousa hé *LI*: q cousa he doutor

<sup>17</sup> que cuido *LI*: om.

<sup>18</sup> Doutor: *L1 L2 Evo*: om.

<sup>19</sup> merecimentos *LI*: merecim<sup>10</sup>

<sup>20</sup> em *LI*: com

<sup>21</sup> e *LI*: om.

<sup>22</sup> perecer *Evo*: padecer

<sup>23</sup> uso *LI*: jugo

errados, absolvem os inocentes, punem todo o<sup>25</sup> género de malefícios, por onde devem de<sup>26</sup> ser avidos por mais de<sup>27</sup> homens, pois, segundo sentença do Filósofo, castigar os maos hé galardão que se dá a bons, finalmente, são esteios do reino que mediante seu regimento e obras o rei fica temido dos maos e amado dos bons, e o seu estado pacífico e quieto, com glória triunfante dos outros, em cujos reinos a justiça menos se guarda ou as letras menos<sup>28</sup> se estimão?

**Cavaleiro:** Bem vem o senhor doutor, e cuidara que mata a braza. Bem estou com essas razões, se as obras as seguissem. Mas quantas e quantas vezes condenais os inocentes e absolveis<sup>29</sup> os culpados, e então, se vos quer culpar alguém<sup>30</sup>, <sup>298v</sup> lá tendes razões coradas com que tudo fazeis chão. Enfim, sois tintureiros, dais a cor como quereis, e se se vos queixa alguém<sup>31</sup>, dizeis-lhe<sup>32</sup>: “queixai-vos de Bártolo<sup>33</sup>, que a sua lei vos condena”.

**Doutor:** Pois homem hé esse cuja autoridade se guarda em qualquer parte.

**Cavaleiro:** Verdade hé, mas se el-Rei de Fez põe cerco a Marzagão, suas leis não o descercam<sup>34</sup>, ainda que sejam sustentadas com alvarás da relação, verificados por todo o senado da Mesa da Suplicação.

**Doutor:** Por isso hé fora de jurisdição<sup>35</sup> e carecem<sup>36</sup> do intendmento de<sup>37</sup> nossa lingoagem, e dahí vem não os<sup>38</sup> guardarem. Mas contudo falemos a bem de feito quem<sup>39</sup> vos parece de mais merecimento<sup>40</sup> ante seu rei: aqueles que por armas vão conquistar o alheio, ou os outros que sem elas sustentam o reino em perpétua concórdia e por pura discricção, sem derramamento<sup>41</sup> de<sup>42</sup> sangue, se defendem dos imigos, são chamados pais da pátria?

**Cavaleiro:** Perguntem-no aos Africanos e vereis o que respondem, que gastam seus patrimónios em acudir a qualquer afronta, e se o assim não fizessem já

<sup>24</sup> da L2: de que

<sup>25</sup> o L2: om.

<sup>26</sup> de L1: om.

<sup>27</sup> de L1: q

<sup>28</sup> menos L1: pouco

<sup>29</sup> e absolveis L1: por absolver

<sup>30</sup> alguém L1: algum

<sup>31</sup> alguém L1: algum

<sup>32</sup> dizeis-lhe L1: dizeis

<sup>33</sup> Alude a Bártolo de Sassoferrato (1313-1354), um dos juristas mais influentes da idade média e impulsor do Direito Privado Comum.

<sup>34</sup> o descercão L1: no descercarção

<sup>35</sup> jurisdição L1: jurisdição

<sup>36</sup> carecem L1: carece

<sup>37</sup> de L1: da

<sup>38</sup> os L1: nos

<sup>39</sup> quem L2: qual

<sup>40</sup> merecimento L1: entendim<sup>to</sup> digo

<sup>41</sup> derramamento L1: derramar

<sup>42</sup> de L1: om.

o Mulei<sup>43</sup> Abrahé<sup>44</sup> viera<sup>45</sup> jantar com eles mais de dous pares de veses. Estes me parecem a mim dignos de mais mercê e honra, pois por defesa da pátria e serviço de seu príncipe oferecem as vidas à morte e trazem os corpos<sup>46</sup> assinados das armas de seus imigos e as mãos calejadas de pelejar.

**Doutor:** Até nisso<sup>47</sup> me confessais ventagem e sabeis como naquisto que<sup>48</sup> vos direi. Confesso que esses pelejam, mas quem os faz pelejar senão o regimento das letras esparzido nas províncias? Que a virtude não hé perfeita em quanto o fim da execução não chega. Quero-vos<sup>49</sup> dizer que os ânimos desviados<sup>50</sup> de sis<sup>51</sup> mesmos, huns quereriam ir, outros queririam ficar, mas aqui suprem os ministros da justiça, presidentes nos lugares, que a causa virtuosa<sup>52</sup>, ou ao menos necessária, fazem<sup>53</sup> pôr em execução, e não sei porque a vitória não hé antes destes que a fazem alcançar que<sup>54</sup> dos outros que a alcançam, pois está claro que a disquirição<sup>55</sup> de huns fes ganhar a fama aos<sup>56</sup> outros.

**Cavaleiro:** Bem aviado estaria quem com palavras esperasse vencer-vos. Huma mercê me fizesse Deos e morresse logo: que visse hum batalhão de Turcos e outro<sup>57</sup> de Doutores pera ver como passavam. O Conde de Redondo<sup>58</sup> com duzentas lanças desbaratou duas mil e nenhum dos imigos sabia letras, que se todos foram letrados pudera<sup>59</sup> desbaratar cem mil e o feito não fora

<sup>43</sup> Mulei Abrahé (1492-1539), mão direita do rei Mulei Hamete, foi Alcaide da Serrania de Fez, de Xexuán e senhor de Mequinez, além de grande amigo dos portugueses, especialmente de João Coutinho, conde de Redondo. Apesar de fazer guerra aos portugueses, a suas relações com os cristãos sempre estiveram acompanhadas de lealdade, cortesia e generosidade. Às vezes, para reconhecer o serviço prestado por alguém, entregava-lhe um cavalo e uma túnica, ou até liberava a cativos cristãos sem nenhum resgate. De igual modo, quando os portugueses sofriam alguma derrota, Mulei Abrahé oferecia as suas condolências e enviava uma listagem dos prisioneiros cristãos. Sobre esta personagem, vejam-se: (*Crónicas* 1824: V, 359-360) e (Rodrigues 1915-19).

<sup>44</sup> o Mulei Abrahé *Evo*: o Muley Abraão ai *L1*: os mouros

<sup>45</sup> viera *L1*: vierão

<sup>46</sup> os corpos *L2*: *om*.

<sup>47</sup> nisso *L1*: nisto

<sup>48</sup> que *L2*: *om*.

<sup>49</sup> Quero-vos *L1*: quero

<sup>50</sup> desviados *L1*: desguiados

<sup>51</sup> sis *L1 Evo*: si

<sup>52</sup> virtuosa *Evo*: venturosa

<sup>53</sup> fazem *L1*: faz

<sup>54</sup> a fazem alcançar que *Evo*: *om*.

<sup>55</sup> disquirição *L1*: descrição

<sup>56</sup> aos *Evo*: a

<sup>57</sup> outro *L2*: hum

<sup>58</sup> Refere-se, segundo parece, a João Coutinho (1480-1549), segundo Conde de Redondo, que foi capitão de Arzila em duas ocasiões, uma de 1514 a 1525, e uma outra de 1529 a 1538. Durante as suas capitánias, levou a cabo algumas escaramuças dignas de memória, como a que teve lugar em 1515, na Tomada de Tintais, que dirigiu com tão só 250 homens. Além disso, Coutinho, em nome do rei João III, foi quem negociou o tratado de paz de 1538 com Mulei Abrahé, que representava o rei de Fez. Veja-se, a este respeito, por exemplo (Rodrigues 1915-19).

<sup>59</sup> pudera *L1*: poderão

grande. Enfim, Haníbal<sup>60</sup> com cento e tantos mil homens d'armas<sup>61</sup> passou os Alpes; se entre eles assertaram de ir três doutores nunca os passara, lá deram tantas razões e sustentadas com tanta autoridade que fizeram o perigo certo e a passagem<sup>62</sup> duvidosa. O caso hé que por eles se disse<sup>63</sup>: *razona bien del arnés mas*<sup>64</sup> *vístalo quien quisiere*<sup>65</sup>. Duas calidades de homens acho<sup>66</sup> que matam mais homens que quantas guerras civis<sup>299r</sup> se podem levantar: Doutores e Físicos, cada hum por sua via. Qualquer género destes hé mais perigozo na paz que os inimigos na guerra, porque dos<sup>67</sup> hunos defendeis-vos e aos outros entregais-vos, e então, aonde cuidais que achais<sup>68</sup> remédio pera a vida, achais a condenação dela.

**Doutor:** Vejo-vos tão ufano de cuidar que falais bem, que isso me fas soltar as rédeas à prática, cousa<sup>69</sup> que eu não quizera, por não injuriar as letras, que não podem elas receber mais detrimento que<sup>70</sup> dar-vos azo a cuidar que disputais. Sabeis quamanho hé o preço<sup>71</sup> de hum letrado virtuoso, jubilado no mandar, que não tem comparação? Hum de vós outros, se peleja, peleja por si só, mas o Doutor que governa peleja por todo o povo<sup>72</sup>. E daqui veo aos<sup>73</sup> Atenienses estimarem mais o concelho de Solón<sup>74</sup> que a vitória de Temístocles<sup>75</sup>, porque a huma, ainda que glorioza, teve o fim acelerado<sup>76</sup> e o outro, ainda<sup>77</sup> que de menos fama, aproveitará perpetuamente. Maior glória merece Catão<sup>78</sup> por desterrar com sua sabedoria os vícios de Roma que

<sup>60</sup> Alude a um episódio dos mais audazes da Segunda Guerra Púnica, na qual Aníbal e o seu exército atravessaram os Pirineus e os Alpes com a finalidade de conquistar o norte de Itália.

<sup>61</sup> d'armas L2: om.

<sup>62</sup> passagem L2: batalha

<sup>63</sup> Este verso, adaptado, aparece recolhido em (Böhl 1827: 334-335): Poema número 314, romance anónimo: “No teniendo que perder” (“El galán flaco amarillo/ debe ser y muy cortés,/ razonar bien del arnés/ y no curar del vestillo”).

<sup>64</sup> mas L1: y

<sup>65</sup> quisiere L1: quiser

<sup>66</sup> de homens acho L1: dome a dio

<sup>67</sup> dos L1: de

<sup>68</sup> achais L1: buscais

<sup>69</sup> cousa L2: om.

<sup>70</sup> que L1: que a

<sup>71</sup> preço L1: pezo

<sup>72</sup> todo o povo L1: vós outros

<sup>73</sup> aos L1: os

<sup>74</sup> Sólon (s. VII-VI a.C.) foi encarregado de refazer a legislação ateniense, bem como de criar uma constituição política.

<sup>75</sup> Temístocles (c. 524-459 a.C.), político e general ateniense, participou na Primeira Guerra Médica, onde adquiriu um enorme prestígio. Plutarco, nas suas *Vidas paralelas*, considerou-lhe o “principal artífice da salvação de Grécia” da ameaça persa.

<sup>76</sup> acelerado L1: ascreado

<sup>77</sup> ainda L1: posto

<sup>78</sup> Marco Pórcio Catão (ca. 234-149 a.C.), conhecido como o Censor devido ao rigor e severidade com que tratou de aplicar as suas leis.

Escipião<sup>79</sup> pelo vencimento de Cartago. Olhai os antigos se faziam mais memória de hum filósofo só que de trinta capitães juntos, pois, se erraram, nas obras lho sentireis.

**Cavaleiro:** Já sei que por demais são razões. Estas são as armas com que sempre pelejastes, e por isso não hé muito que vençais a<sup>80</sup> quem se delas não aproveita. Mas faço-vos huma aposta, se vos virdes em hum campo razo cercado de dez<sup>81</sup> mil mouros, que vistais as couraças às avessas<sup>82</sup> e<sup>83</sup> que não saibais de que metal são as lâminas, e que vos não tire Baldo<sup>84</sup> as borboletas deante os olhos. Ah, senhor Doutor, que nunca vos vistes com cem bombardas grossas assestadas nesses peitos e as faces amarelas como cera, e<sup>85</sup> chamar pela Virgem Maria e não achar quem vos acuda e<sup>86</sup> ter a salva o no fugir, desemparrar-vos a vista de todos<sup>87</sup>, ouvir gritar que racha<sup>88</sup> os c os, e achais os p s peados e travados. Quão longe de vos então lembrar Código, Digesto, nem outros textos<sup>89</sup> escusados na paz para fazer guerra a muitos que a não merecem. Pelejais nas audiências onde sois superiores, quereis-vos tratados como gente sagrada, e pondeis<sup>90</sup> o mesmo nome   meza onde condenais.

**Doutor:** Já vejo que estais mais perto de orador que de outra cousa. Agora ei por bem empregado meu tempo gastado<sup>91</sup> em vos responder. Se quando aqui entrastes vos tratei com menos cortezia do que essa oratória merece, perdoai-me, que não cuidei que  reis mais que fidalgo ou cavaleiro, e contudo, não saindo do prep sito, quero que saibais que os medos que propondes menos medo farão em hum doutor que em outro qualquer homem. E quereis ver a razão? Senti o que vos disser: quem tem o juízo claro pera conhecer o medo antes que se veja nele supõe<sup>92</sup> que há-de pass -lo, e daqui vem ir já tão acautelado que quando o temor chega<sup>93</sup>, acha-o<sup>94</sup> tão apercebido que se não

<sup>79</sup> P blio Cornélio Cipião o Africano (236-183 a.C.), político romano que se destacou como general na Segunda Guerra Púnica, onde venceu Aníbal na batalha de Zama (202 a.C.).

<sup>80</sup> a L2: om.

<sup>81</sup> dez L2: om.

<sup>82</sup> avessas L1: azavessas

<sup>83</sup> e L1: om.

<sup>84</sup> Refere-se a Baldo degli Ubaldi (1327-1400), jurista italiano, aluno de B rtolo de Sassoferrato. Foi autor de numerosos comentários ao *Corpus Iuris Civilis* de Justiniano e aos *Decretales*, que tiveram uma grande difusão durante a idade média e o século XVI.

<sup>85</sup> e L1: om.

<sup>86</sup> e L1: om.

<sup>87</sup> todos L1: todo o

<sup>88</sup> racha L1: rache

<sup>89</sup> textos L2: om.

<sup>90</sup> e pondeis L1: pondo

<sup>91</sup> gastado L2: om.

<sup>92</sup> supõe L1: propoem

<sup>93</sup> lhe L2: om.

<sup>94</sup> acha-o L1: o acha

enxerga nele, e os outros em quem se isto não acha nasce-lhes<sup>95</sup> de não conciderar<sup>96</sup> as cousas antes que elas aconteçam, assi que por aqui<sup>97</sup> vos provo que de necessidade hum muito<sup>98</sup> bom letrado há-de ser bom cavaleiro.

**Cavaleiro:** Há, dómine Doutor, como repicais em salvo! Que boa razão me dais se naquele tempo<sup>299v</sup> ouvesse<sup>99</sup> razão alguma! Ora quero que saibais que duas cousas aproveitam no perigo de que tratamos pera o esperar melhor: a huma e mais principal hé ter o coração animoso, a outra o costume da peleja, que o exercício<sup>100</sup> fas perder o medo, e daqui veo muitos per uso serem valentes, mas quem isto nunca vio não pode ser bom juís do que poderá fazer, e por isso se disse que o cego nunca julgou<sup>101</sup> bem de cores. Gabai-vos de bom letrado e deixai estar as armas para quem as exercita.

**Doutor:** Bem se parece que nunca lestes quantos filósofos já foram capitães, e<sup>102</sup> estes, pela calidade filosofal, se esperava que vencessem ajudando-se das armas, porque com a ciência alcançavam o porvir, e antre a esperança dos perigos discerniam o menor e conjecturavam os meios para poder<sup>103</sup> alcançar a<sup>104</sup> vitória, e depois de ter pervisto o que podia acontecer, executavam<sup>105</sup> com as armas o que as letras determinavam.

**Cavaleiro:** E quem tolhe que esses tais, primeiro que soubessem letras, exercitassem as armas?

**Doutor:** Também pode ser que, primeiro<sup>106</sup> de exercitar as armas, soubessem<sup>107</sup> letras.

**Cavaleiro:** Isso não confesso eu, e sabeis, senhor, porque? Porque<sup>108</sup> o natural de<sup>109</sup> letrados hé ver o perigo ao longe, e quem o vê hé forçado que o tema, e onde o temor encarna, o cometimento hé incerto. E daqui veo o exemplo de *quem não comete, não vence*. Guarde-vos Deos de ânimo robusto e<sup>110</sup> costumado a passar medos, que este tal comete o impossível, e para deixar de o fazer não acha<sup>111</sup> nenhuma escusa. E vós outros, ainda pera não cometer

<sup>95</sup> nasce-lhes *L2*: nace-lhe

<sup>96</sup> conciderar *L1*: cõsiderarem

<sup>97</sup> por aqui *L1*: para q

<sup>98</sup> muito *L1*: om.

<sup>99</sup> ouvesse *L1*: ouue

<sup>100</sup> costume da peleja, que o exercício *L1*: exercicio de pelejar, que o costume

<sup>101</sup> nunca julgou *L1*: não julga

<sup>102</sup> e *L1 Evo*: om.

<sup>103</sup> poder *L1*: om.

<sup>104</sup> a *L1 Evo*: om.

<sup>105</sup> executavão *L1*: excercitauão

<sup>106</sup> primeiro *L1*: antes

<sup>107</sup> soubessem *L1*: soubessem primeiro

<sup>108</sup> porque *L2*: om.

<sup>109</sup> de *L1*: dos

<sup>110</sup> e *L1*: om.

<sup>111</sup> acha *L1*: sabe

o possível tendes alegações<sup>112</sup> com que esperais salvar-vos ou ficar com menos culpa.

**Doutor:** Olhai como vindes baxo que, cuidando que acertais, dais no vosso<sup>113</sup> mesmo escudo. Que direis a quantos barões ilustres<sup>114</sup> ouve em Roma, letrados por excelência, por cuja valentia e esforço<sup>115</sup> se someteo ao jugo romano toda a redondeza do mundo? Pois por certo, ainda que nas armas fossem estremados, se a sabedoria não florecera tanto neles<sup>116</sup>, não hé-de crêr que a bem-aventurança de Roma chegara a tanto<sup>117</sup> estremo, que nunca vimos nem se lê que, onde o concelho das letras falece, a fortaleza das armas pode<sup>118</sup> permanecer muito.

**Cavaleiro:** Ouvistes vós a cantiga do *Enganado andais, Fernando?*<sup>119</sup> Pois esta vos canto eu em reposta disto<sup>120</sup> tudo. Cuidareis, dómine doutor, que me tendes derribado. Quero que saibais que agora estou mais em pé e quero-vos render Camilo<sup>121</sup> e Marcelo<sup>122</sup> e outros<sup>123</sup> que fizeram feitos grandes, se<sup>124</sup> os quizeram escrever, nem por isso assenteis que logo<sup>125</sup> eram doutores, que, se o foram, escreveram feitos alheios, porque de si, quanto na<sup>126</sup> glória das armas, tiveram mal que dizer. Se me dizeis que escreveo César seus *Comentários*, eu assi vo-lo confesso; se porque foi em latim quereis que fosse doutor, estais enganado, que esta<sup>127</sup> era a<sup>128</sup> sua própria língoa, e escreveo seus feitos nela, como eu farei na nossa o que vir fazer a alguém.

<sup>112</sup> alegações *LI*: alegacjas

<sup>113</sup> vosso *LI*: om.

<sup>114</sup> ilustres *LI*: ilustrissimos

<sup>115</sup> valentia e esforço *LI*: uitoria e fortaleza

<sup>116</sup> neles *L2*: nelles e

<sup>117</sup> tanto *LI*: tamanho

<sup>118</sup> pode *LI L2*: poder

<sup>119</sup> Canção anônima que teve numerosas imitações ao longo do século XVI. Recolhe-a (Frenk 2003: 460) sob o número 671: *Enganado andais, amigo/ comigo;/ dias há que vo-lo digo*. Cita como fonte Gil Vicente: *Cortes de Júpiter* (versos 436-438), que se representou no 4 de agosto de 1521; e *Floresta de enganos* (versos 571-572), que foi representada em Évora, em 1536. Entre as imitações, alude-se, por exemplo ao *Cortetano* (1561) de Luís de Milán (fol. 128rv, pág. 264) (*Engañado andais en trajos, / mi bien amigo/ no digáis que no's lo digo*).

<sup>120</sup> disto *LI*: disso

<sup>121</sup> Parece aludir a Marco Fúrio Camilo (446?-365 a.C.), ditador do s. IV a. C., que era considerado, entre os romanos, um ser lendário, posto que tinha conseguido libertar Veyes e depois Roma. Chegou a conseguir quatro triunfos e ostentou cinco vezes o cargo de ditador. À sua morte, foi honrado com o título de Segundo Fundador de Roma.

<sup>122</sup> É possível que aluda a Marco Cláudio Marcelo (268-208 a.C.), herói da Segunda Guerra Púnica, que logrou tomar a cidade de Siracusa no ano de 211 a.C.

<sup>123</sup> e outros *L2*: om.

<sup>124</sup> se *LI*: inda q

<sup>125</sup> logo *LI*: de todo

<sup>126</sup> na *LI*: aa

<sup>127</sup> esta *LI*: essa

<sup>128</sup> a *LI*: om.

Enfim, se César fora o que vós quereis que fosse, nem<sup>129</sup> entrara com Amiclas<sup>130</sup> na barca<sup>131</sup>, nem tão pouco Alexandre<sup>132</sup> bebera o vaso de Filipe, nem Judas<sup>300r</sup> Macabeo<sup>133</sup> se metera no trabuco, nem outros por conseguinte fizeram feitos memoráveis<sup>134</sup> que vós achais<sup>135</sup> em Homero<sup>136</sup>, Plutarco<sup>137</sup>, Tito Lívio<sup>138</sup> e outros desta calidade que em ler gastaram seu tempo. Se dizeis que as letras regiam os romanos, também hé bulra, que mais certo hé que se governavão pelos costumes antigos deixados de seus maiores, cuja origem vinha mais de pastores robustos que de homens dados a letras. E pela experiência do passado se sostinham no presente e proviam no<sup>139</sup> porvir, que até Túlio<sup>140</sup>, que nas letras foi único e<sup>141</sup> na paz governou por excelência, olhai na guerra que mostras deo de si. Enfim, sabei<sup>142</sup> que tão contrárias são as armas das letras e dos juízos mui aparelhados a elas quanto o<sup>143</sup> hé a guerra da paz. E porém, deixando cousas de longe, digo, senhor doutor, que nunca vistes o rosto ao Xarife, que se lho virdes, meter-vos-eis num çapato. Estudais na pousada metido em bérneo e pelica do carnas para dentro,

<sup>129</sup> nem *L1*: não

<sup>130</sup> Amiclas *L1*: Amides *Evo*: Amidas

<sup>131</sup> Amiclates foi um humilde pescador que vivia nas proximidades de Durazo. Confiado na sua pobreza, deixava abertas as portas da sua cabana enquanto em seu redor tinham lugar os confrontos da Guerra Civil. Plutarco conta, na sua *Farsália* (V, 519-31) que quando Caio Júlio César (ca. 100 a.C.-44 a.C.) tratou de se refugiar na sua casa, Amiclates não se impressionou, ainda que soubesse quem era o seu hóspede.

<sup>132</sup> Diz-se que Alexandre Magno (356-323 a.C.), o conquistador macedónio, tinha uma profunda amizade com o seu médico pessoal, Filipo de Acarnânia. Numa ocasião, em que o rei caíra doente, este pediu a presença do seu médico, mas antes foi advertido de que se tinha passado para o bando inimigo e que pretendia envenená-lo. Apesar destas advertências, Alexandre Magno exigiu a sua presença e bebeu o beberagem que lhe tinha preparado, dizendo, ao mesmo tempo, que preferia morrer a desconfiar dos seus amigos.

<sup>133</sup> Judas Macabeo, personagem da *Bíblia* que aparece no *Livro dos Macabeus* do *Antigo Testamento*. Nele relatam-se os seus êxitos militares e como foi capaz de conquistar várias cidades, graças aos seus trabucos e catapultas.

<sup>134</sup> memoráveis *L2*: memoriaes

<sup>135</sup> achais *L1*: não achareis

<sup>136</sup> Homero (s. VII a.C.), autor, segundo a tradição, dos dois grandes monumentos da literatura grega: a *Iliada* e a *Odisseia*. Nelas conta-se uma parte da guerra de Tróia e a volta de Ulisses a casa, depois de tomar a cidade, respetivamente.

<sup>137</sup> Plutarco (ca. 46-112 d. C.) foi um dos mais fecundos escritores gregos da época imperial romana. Passou à história pelas suas *Vidas Paralelas*, onde descreve o aspeto psicológico das principais personalidades da história.

<sup>138</sup> De Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) somente se conservou fragmentariamente a sua *Ab Urbe condita* (*Desde a Fundação de Roma*), onde descreve a formação do império romano.

<sup>139</sup> no *L1*: o

<sup>140</sup> Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), um dos grandes oradores do mundo romano. As suas *Filípicas* ou suas *Catilinárias* foram os seus discursos mais conhecidos. Após apoiar o bando de Pompeu, que resultou perdedor na batalha de Farsália, Júlio César perdoou-o e deixou-o voltar a Roma.

<sup>141</sup> e *L1*: om.

<sup>142</sup> sabeis *L2*: om.

<sup>143</sup> o *L1*: om.

fugareiro antre as pernas, com prego lançado nele para que gaste a humidade <dele, digo> do carvão, não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão debaixo da barba e trinta arraténs de cara, pucas de linho por dentro<sup>144</sup>, e temeis-vos do sereno e, sobretudo, rapais as unhas e estais condenando. Guarde-vos Deos de ver capitão<sup>145</sup> no campo, bandeiras despregadas, touca muito foteada, azaguaia comprida com fains<sup>146</sup> mais agudos e<sup>147</sup> reluzentes que os<sup>148</sup> espelhos, e o perro que o<sup>149</sup> abrande junta-lhe<sup>150</sup> o conto com a ponta<sup>151</sup>, e<sup>152</sup> apegais-vos às comas, ourinais pela cela, e ouxalá parasse aqui a cousa; e<sup>153</sup> se escapais com vossa honra, vindes ao reino, entraís em requerimento e primeiro vedes o<sup>154</sup> fim à vida que ao despacho. Tenho-me eu convosco que passais a vossa quieta. As discórdias alheas são causa de vosso assossego, e por derradeiro, sepultais-vos em Alvalade com mais ameaas que os officiaes da Casa da Índia. E com isto beijo as mãos a V. M., sem esperar mais talho, que bem sei que por razões ei sempre de ir debaxo.

## Léxico

**Azagaia (azaguaia):** qualquer lança de arremesso.

**Bérnio (bérneo):** modalidade de capa grosseira, antiga.

**Carnaz (carnas):** lado interno do couro dos animais, oposto ao pelo.

**Descercar:** levantar o cerco ou o sítio a; dessitiar.

**Fota:** lenço ou turbante que se enrola em volta da cabeça.

**Fugareiro:** fogão portátil de uma ou duas bocas.

**Peado:** preso com peias (corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais).

**Pelica:** pele fina de animal preparada para confecção de luvas, sapatos, etc.; peça de vestuário ou colcha feita ou forrada de peles com pelos macios e abundantes.

**Repicar:** produzir sons agudos e repetidos; tocar.

**Tintureiro:** que tinge, que aplica tintura.

<sup>144</sup> fugareiro antre as pernas, com prego lançado nele para q gaste a humidade <delle, digo> do carvão, não gere a dor de cabeça, carapuça de orelhas com botão debaixo da barba e trinta arraténs de cara, pucas de linho por dentro L2: dentro

<sup>145</sup> capitão L2: capilhar Evo: capilar

<sup>146</sup> fains L1: faim

<sup>147</sup> agudos e L1: om.

<sup>148</sup> os L2: om.

<sup>149</sup> o L1: a L2: om.

<sup>150</sup> junta-lhe L1: ajuntarlhe

<sup>151</sup> a ponta L1: o ferro

<sup>152</sup> e L1 L2: om.

<sup>153</sup> e L1: q

<sup>154</sup> o L2: a

**Touca:** peça feita de fazenda, lã, renda, etc. usada por mulheres e crianças, e que lhes cobre a parte superior e posterior da cabeça; peça do vestuário com que as freiras cobrem a cabeça, o pescoço e os ombros.

**Trabuco:** máquina de guerra com que se lançavam grandes pedras para abalar e destruir muralhas e torres.

## Referencias bibliográficas

### 1. Testemunhos do *Diálogo entre um cavaleiro e um doutor acerca da preferência das armas às letras ou das letras às armas*

#### 1.1. Manuscritos

- ⇒ Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 3563, fls. 1-4v.
- ⇒ Biblioteca Nacional de Lisboa, Coleção Pombalina, cód. 147, fls. 298-300.
- ⇒ Vila Viçosa, PDVV BDM II, LXII, fls. 13-18.

#### 1.2. Impressos

- ⇒ «Diálogo segundo» (1624): in *Diálogos de Francisco de Moraes*, Évora: Manuel Carvalho, fls. 17-27r (Exemplares: Lisboa. Nacional, Res. 354V (2) [<http://purl.pt/14873>]. Londres. British Library, 12331.a.21).
- ⇒ Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira [Tomo II: António Gomes], 1786, pp. 24-35.

#### 1.3. Edições modernas

- ⇒ «Diálogo Segundo» (1852): in *Obras de Francisco de Moraes*, Lisboa: Escritório da Bibliotheca Portugueza, Typographia d'Andrade e Companhia, vol. III, pp. 21-30.
- ⇒ «Diálogo Segundo» (1946): in Geraldo de Ulhoa Cintra (ed.), *Crónica do Palmeirim de Inglaterra*, São Paulo, Editora Anchieta, Biblioteca de Clássicos para todos, vol. 3, pp. 379-386.

## 2. Trabalhos específicos

### • Bibliografia primária

- BARRETO, João Franco, *Bibliotheca Lusitana*, cópia do Ms. da Casa de Cadaval, 6 vols. Lisboa, Biblioteca Nacional, B 1206-1211, tomo III, fls. 475r-476v.
- BRITO, João Soares de (1655): *Theatrum Lusitaniae Litterarum, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, Authore Joanne Suares de Britto. Lusitano Mathosiniensi. Sacrae Theologiae. Conimbricae atque Eborae Doctorae. Conimbricae. Typis Academicis anno Christiano 1655 a restauratione Lusit., P. 471, lit. F, nº 57.

- **Bibliografia secundária**

- ALMEIDA, Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e (2011): «Morais, Francisco de», in Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Editorial Caminho, pp. 607-613.
- AROUCA, João Frederico de Gusmão C. (2005): *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII. Letras M-R*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- BIBLIOTHECA Nacional de Lisboa (1891): *Inventário dos Manuscriptos (Secção XIII). Collecção Pombalina*, Lisboa.
- BÖHL DE FABER, Juan Nicolás (1827): *Floresta de rimas antigas castellanas*, Hamburgo: Librería de Federico Perthes, pp. 334-335
- «Crónicas dos senhores reis de Portugal» (1824): in *Colleção de Inéditos de História Portuguesa*, Lisboa: Academia Real das Sciencias, na Oficina da Mesma Academia, 1824. Tomo V, pp. 359-360.
- Dialogyca BDDH. *Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico* [online: <http://www.ucm.es/info/dialogycabddh/>], [data de consulta: 21 de junho de 2012].
- FRENK ALATORRE, Margit (2003): *Nuevo corpus de la antigua lírica popular hispánica (Siglos XV a XVII)*, México: Universidad Nacional Autónoma de México/ El Colegio de México/ Fondo de Cultura Económica, p. 460.
- INSTITUTO ANTÓNIO HOUAISS (2007): *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 2.0*, Editora Objetiva Ltda.
- Inventário dos códices alcobacences. Tomo VI (Índices)* (1978): Lisboa: Biblioteca Nacional.
- LARANJINHA, Ana Sofia (No prelo 2012), «O Diálogo Segundo de Francisco de Moraes, ou como vencer um debate com armas alheias. Contributo para uma nova proposta de datação», in *Da Letra ao Imaginário. Em homenagem à Professora Irene Freire Nunes. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa: CEIL.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1965): *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica, etc., Lisboa Occidental*, 4 vols. Coimbra: Atlântida Editora.
- NASCIMENTO, Maria Teresa (2004): «Modelos clássicos no Diálogo Quinhentista Português», in *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada* ([www.evora.net/abalca/comparada](http://www.evora.net/abalca/comparada)).
- *O diálogo na literatura portuguesa. Renascimento e Manierismo* (2011): Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra- Gráfica de Coimbra Lda.
- Os códices alcobacenses *da Biblioteca Nacional. I Códices Portugueses* (1930): Lisboa: Biblioteca Nacional.
- RODRIGUES, Bernardo (1915-19): *Anais de Arzila. Crónica inédita do século XVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade. 2 vols.
- SILVA, Inocêncio Francisco da (1858-94): *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, Continuado por Brito Aranha, Lisboa, Imprensa Nacional, 17 vols. Tomo III, 1859, págs. 14-17; *Suplemento*, Tomo IX, 1870.

- TAROUCA, Carlos da Silva (1950): *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca dos duques de Cadaval*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (ed.) (2006): *Palmerín de Ingalaterra (Libro I)*, de Francisco de Moraes, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos.
- (2010a): «Diálogo entre um cavaleiro e um doutor», in *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid: BDDH3 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010].
- (2010b): «Diálogos de Francisco de Moraes», in *Dialogyca BDDH: Biblioteca Digital de Diálogo Hispánico*, Universidad Complutense de Madrid: BDDH36 [online: <http://iump.ucm.es/DialogycaBDDH/>] [30-06-2010].
- (No prelo 2012): «Uma primeira aproximação do *corpus* dos Diálogos Portugueses dos séculos XVI-XVII», in *Criticón*.